

# “BOLSA FAMÍLIA” ITALIANO E BRASILEIRO: ONDE AS SEMELHANÇAS ACABAM?



Wagner Nóbrega

Professor do Departamento de Economia  
da Universidade Federal de Sergipe e membro do  
Grupo de Pesquisa em Análise de Dados Econômicos

Publicado em [cafecomdados.com](http://cafecomdados.com), em 30-11-2017, às 22h

Reportagem da Revista Época do último dia 23 tem como título “ ‘Bolsa Família’ entra em vigor na Itália em 1º de dezembro” ( <http://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2017/11/bolsa-familia-entra-em-vigor-na-italia-em-1-de-dezembro.html> )

Tentemos enxergar o que há por trás das aspas menores (‘Bolsa Família’)

De fato o ‘Bolsa Família’ (assim intitulada pela reportagem), italiano é um mix, em termos de seus objetivos e do público atendido, daquilo que temos no nosso Bolsa de Prestação Continuada, ao beneficiar deficientes e idosos não assistidos por parentes e um pouco do nosso Bolsa Família, na assistência a pessoas pobres, mas para aí, senão, vejamos.

## 1) Critério de elegibilidade do público alvo a ser beneficiado:

Itália: renda mensal menor do que 23 mil reais e patrimônio imobiliário menor do que 76,7 mil reais, excluída a casa onde mora.

Brasil: renda per capita familiar menor do que 170 reais. Sem critério patrimonial.

Note que pobre com patrimônio tem reserva para tempos piores e acesso a bancos.

## 2) Valor da bolsa:

Itália: 1,8 mil reais; Brasil: até 170 *per capita* familiar

## 3) Público atendido:

Itália: Até 490 mil famílias

Brasil: 13,6 milhões de famílias atendidas atualmente

## 4) Condiionalidades:

Itália: inclusão pelo trabalho, seguindo programa personalizado para pessoas de cada família serem inseridas no mercado de trabalho.

Brasil: participação em programas de assistência social e, quando houver menores envolvidos, matrícula na escola e frequência mínima de 85%.

## 5) Duração:

Itália: até 30 meses

Brasil: não há

Além disso não se pode deixar de considerar que:

A pobreza objeto da “Bolsa” italiana é a europeia, que equivale a nossa classe média.

O foco, lá, é outro: a inclusão pelo trabalho. Inclusão, por si só, já dá dignidade, à medida que torna partícipe da sociedade o beneficiário. Trabalho, por sua vez é a garantia de independência das pessoas incluídas.

Quando se colocam aspas menores no “Bolsa”, isso quer dizer que os países europeus, com seus programas de combate à pobreza – dentre os quais a Itália é um dos últimos – querem encontrar saída para o problema estrutural de baixo crescimento excludente.



No Brasil, temos muitos pobres e não temos proposta de solução para o (não) desenvolvimento econômico.

Se, de um lado, é ótimo que, com o Bolsa Família, sinalizemos que as pessoas devam ser priorizadas, por outro lado não temos políticas redistributivas em favor dos pobres, além do Bolsa Família. Essa política, juntamente com o que acontece para o conjunto da assistência social, não é prioridade. Ao contrário, lhes são reservados os mais baixos escalões. Alguns dados que demonstram essa irrelevância:

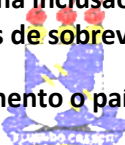
a) Gastos com o Bolsa Família no PIB: 0,45% do PIB (máximo atingido em 2015);

b) Gastos diretos com assistência social no PIB (inclusive Bolsa de Prestação Continuada): 1,24% (máximo atingido em 2015).

c) Os fundos de programas assistenciais (incluindo Bolsa Família e Bolsa de Prestação Continuada) só foram maiores do que os do setor produtivo (que incluem subsídios, como os juros menores do financiamento do BNDES) no primeiro mandato de Lula.

d) Se reunidos os fundos de programas agropecuários aos produtivos, entre 2003 e 2016 (incluídos os anos limítrofes), em apenas dois anos (2004 e 2007) eles foram superados pelos fundos de programas assistenciais.

Ao contrário do combate à pobreza na Europa, que, a exemplo do “Bolsa Família” italiano, é feito enfrentando-se o problema do desenvolvimento excludente com baixo crescimento, pela inclusão através do trabalho (mesmo sem se ter garantias sobre os resultados), no Brasil à falta de uma proposta de desenvolvimento, evitamos priorizar a inclusão pelo trabalho e fazemos uma inclusão “meia boca” pelo consumo, com assistência social, que supostamente garantem as condições mínimas de sobrevivência e dignidade.



O problema é que sem solução de desenvolvimento o país todo definha e os programas assistenciais perdem espaço quanto à sua fonte de financiamento.

Economia e sociedade não se separam. É isso que temos que aprender com o “Bolsa Família” italiano.

